

A escrita psicanalítica na pandemia do Coronavírus: tempos de elaboração no Observatório Psicanalítico Febrapsi

Maria Elizabeth Mori¹, Brasília

Roque Tadeu Gui², Brasília

Analisa-se a intervenção proposta pelo Observatório Psicanalítico Febrapsi (OP), estratégia clínico-política de escrita de psicanalistas, para a elaboração secundária dos eventos que produzem o mal-estar atual ao longo da pandemia do Coronavírus. Os textos são escritos no formato de ensaios, de caráter autoral, reflexivo, expressando a experiência pessoal dos autores com o acontecimento. No processo, identificam-se cinco tempos: o Tempo Zero, aquele dos acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais que nos afetam; segue-se o Tempo Um, constituído pela elaboração dos psicanalistas, por meio dos ensaios, avançando-se, então, para a elaboração coletiva dialógica entre os pares, considerado o Tempo Dois; em seguida, ocorre a elaboração da equipe de curadores na escrita de editoriais, o Tempo Três; o Tempo Quatro caracteriza-se pelo acesso do leitor a essas elaborações, por meio das mídias sociais utilizadas pelo Observatório. Conclui-se que o OP é um modo institucional de exercício de clínica extensa. No vértice de intervenção, vislumbra-se a possibilidade de produzir efeitos nos diferentes sujeitos alcançados por essa estratégia.

¹ Psicóloga, psicanalista, doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura/UnB. Membro associado da Sociedade de Psicanálise de Brasília (SPBsb). <https://orcid.org/0000-0002-7980-5527>.

² Psicólogo, analista junguiano, doutor pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia Clínica e Cultura/UnB. Membro da Associação Junguiana do Brasil/ International Association for Analytical Psychology (AJB/IAAP). <https://orcid.org/0000-0003-2798-7004>.

Palavras-chaves: Trauma; Elaboração; Escrita psicanalítica; Observatório psicanalítico; Clínica extensa

No presente trabalho, evidenciamos a necessidade de considerar a psicanálise como método investigativo dos efeitos traumáticos do encontro entre os sujeitos inseridos na cultura. Entendemos a escrita psicanalítica como uma possibilidade de narrar (e elaborar) nossas experiências compartilhadas, pois, como sabemos, os acontecimentos da vida pública têm um lugar de importância na psicanálise desde a obra freudiana.

O objetivo desse artigo, portanto, é o de analisar a estratégia de elaboração coletiva de psicanalistas da Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) sobre os traumas que nos acometem nesse momento da pandemia do Coronavírus. Compreendemos o Observatório Psicanalítico (OP) como uma estratégia integrante de um dispositivo maior de clínica extensa (Herrmann, 2003 in Barone, 2005), criado como um espaço de elaboração coletiva sobre os acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais de nosso cotidiano social.

Psicanálise no tempo do Coronavírus

Nem todas as pessoas vivem a mesma pandemia, apesar de ela ser a mesma para todos. O Coronavírus, que potencialmente pode atingir qualquer um, vem afetando de forma mais grave a população de maior vulnerabilidade social.

Ao pensar na pandemia e seus efeitos psíquicos e sociais na vida das populações, há de se incluir nas análises as categorias de classe, gênero e etnia – quem é quem nesse mundo – para identificar os mais prejudicados (pobre, periférico, preto, mulher, idoso, criança, indígena). Em tal sentido, o papel do Estado e da saúde pública dos países, assim como a atuação dos governantes, por terem assegurado, ou não, o acesso a bens higiênicos/sanitários e o auxílio financeiro emergencial, interferem no número de contaminações e de mortes causadas pela pandemia.

O interesse pelos fenômenos sociais e suas influências sobre o indivíduo marcará o pensamento psicanalítico, que toma para si a tarefa de pensar a constituição do sujeito em sua relação com o outro. Freud oferece-nos um conjunto de artigos culturais nos quais articula os fenômenos sociais com seus conceitos metapsicológicos. Em *O Mal-estar na Civilização*, Freud (1930/2010) lançará a problemática do desamparo psíquico original a que todos estamos submetidos e que, em situações extremas de violência, tal como a pandemia que

ora vivenciamos, impacta-nos e é atualizado por meio de queixas de desalento, desespero e desesperança em relação ao futuro.

Na clínica psicanalítica, presenciamos sintomas de angústia que se intensificam em suas formas-padrão de hipocondria, fobia e pânico. Os pensamentos obsessivos e as ações compulsivas aumentaram com os cuidados higiênicos obrigados pela pandemia, produzindo um certo horror no contato com o outro. Muitos seguem submetidos a processos de retraimento narcísico: passaram a assistir as séries leves dos canais de *streaming*, isolaram-se e não querem mais saber das notícias. As pessoas introvertidas até se beneficiaram do isolamento, sem a necessidade de lidar com os desafios do convívio social. As extrovertidas manifestam o desejo de se nutrir do contato com o outro. Observamos pessoas respondendo impulsivamente ao desejo de socialização e, ainda que seguidoras das recomendações sanitárias, veem-se traindo a própria consciência. Neste caso, o desejo vence a necessidade de autocuidado. Por um lapso de memória, muitos “esquecem” o que sabem ser a conduta melhor para lidar com os efeitos danosos da pandemia e voltam aos encontros coletivos, frequentemente sem o uso de máscara, apesar desta ser obrigatória em espaços públicos. Mas, em seguida, culpam-se por terem “cabeça fraca” e dizem que foram “influenciadas”, chamadas pelo desejo de retornarem à vida que tinham antes da pandemia. E, assim, voltam às ruas, também por inveja da vida alegre dos que não suportam mais o isolamento e compartilham suas saídas nas redes sociais. Entendemos todos esses movimentos ambíguos como um mecanismo de negação, uma defesa psíquica para lidar com a angústia de aniquilação, do desamparo social.

Graças à efetividade dos estudos e pesquisas de alta tecnologia genética, os cientistas conseguiram o feito admirável, em tempo recorde, de desenvolver vacinas. Contudo, boa parte de nossa população, ainda que vacinada, permanece em estado de suspense sobre o que nos reserva o amanhã. Freud (1930/2010) mostrava-se igualmente preocupado (e demonstrou seu pessimismo) com o futuro da civilização.

E nós, psicanalistas contemporâneos, como nos situamos diante desse cenário? Certamente, na condição de humanos e cidadãos, somos afetados por tais acontecimentos. Não estamos imunes aos temores decorrentes das vicissitudes sofridas pela sociedade brasileira e mais extensamente pelo mundo. Quanto mais não seja, porque nossos pacientes nos lembram de que estamos todos na mesma situação, sobre a qual se sobrepõem nossas ansiedades e angústias pessoais. Que defesas podemos evocar para dar um destino ao nosso próprio sofrimento em face do tempo pandêmico?

O trauma e a narrativa

Seligmann-Silva (2018), a propósito das experiências traumáticas e da literatura do testemunho, observa que o sobrevivente (do trauma) vive um drama que está irremediavelmente ligado a um “processo dialético e complexo no qual recordar e esquecer são dois fatores dinâmicos e inseparáveis. O sujeito recorda para esquecer e não consegue. Assim sendo, é preciso que ele possa narrar” (p. 63). Em psicanálise, o trabalho associativo com o trauma, material clivado, exige construções, inscrições e sínteses, ou seja, narrativas que permitam minimamente que fragmentos sejam lembrados, elaborados, ressignificados e representados.

Ressaltamos a necessidade de inserção de uma ideia de construção para um processo fidedigno de apropriação de si, reafirmando que a capacidade de fornecer respostas positivas para a busca de novos sentidos estaria na apropriação de linguagens mais criativas (literatura e arte), incluindo aqui a experiência onírica. Referindo-se a Auschwitz, Seligman-Silva (2018) diz que o sobrevivente do trauma passa a viver o drama do testemunho continuamente, enquanto o desafio do relato é tornar-se narrativa, articular memória e história.

A elaboração ou perlaboração (*Durcharbeiten*), segundo Laplanche & Pontalis (1970, p. 196-199), é parte de um conjunto de operações do aparelho psíquico para dominar o excesso das excitações que podem ameaçá-lo de maneira patogênica. É, portanto, um trabalho de integração psíquica, de estabelecimento de conexões associativas, que impede o efeito sintomático do trauma dos acontecimentos. A não elaboração associativa impossibilita a recordação do traumatismo, conservando-o no estado de angústia. A elaboração secundária da narrativa, tomada como um aspecto da inteligibilidade, auxilia a retirada da aparência absurda e incoerente dos acontecimentos por meio de uma cadeia associativa, preenchendo as lacunas e efetuando uma remodelação parcial ou total dos elementos que se apresentam. Tal como o trabalho do sonho, trata-se de um segundo momento, considerando os produtos elaborados no processo primário pelos mecanismos de condensação, deslocamento e figuração.

Para Krebs & Jochamowitz (2013), a arte da narrativa vem desaparecendo por causa da “tecnificação da cultura”, que, ao impor uma direcionalidade ao conhecimento, se detém somente no que está disponível para uso. A narrativa, que recolhe experiências já vividas em relatos possíveis de modificar a vida do ouvinte, de dar sentido por meio da experiência compartilhada, foi trocada por informações, as quais estabelecem situações, subordinando-as a uma vontade de controle. “A catástrofe do nosso tempo reduz a linguagem a um mero veículo de

dados, prescinde do testemunho vivo e direto, deixa de lado a reflexão e perde o genuíno da experiência” (p. 175).

Ao considerar as fantasias, os sonhos, os lapsos da memória, os enganos cometidos na fala, os sintomas do neurótico e a imaginação criativa do poeta, Freud construiu um novo objeto de conhecimento – o inconsciente –, cuja abordagem exigiu não apenas o saber científico da época, mas também uma outra forma de se deixar afetar pelo que escutava e, conseqüentemente, narrar a experiência imediata do sujeito.

O apreço de Freud pela escrita literária contribuiu para que ele identificasse, nos criadores de ficções, uma forma alternativa de criar, fantasiar, penetrar o íntimo da vida psíquica. Ao reconhecer os efeitos das obras de arte sobre seus fruidores, Freud introduz um estilo próprio, ensaísta, e passa a narrar o sofrimento psíquico de seus pacientes, afetando intensamente o leitor com suas obras. Contribui, ainda, para a ampliação do acesso dos seus leitores ao saber científico. Os poetas, portanto, tornam-se aliados do cientista Freud na investigação objetiva da nova ciência.

É sabido que, a pedido do livreiro e editor vienense Hugo Heller, em 1906, Freud elaborou uma lista de dez bons livros com os quais mantinha uma relação de amizade. Os autores eram muito conhecidos de sua época, tendo sido citados na lista de outras personalidades das elites culturais austríaca e alemã, também convidadas por Heller, o que mostra a inserção de Freud na cultura do seu tempo. Sérgio Paulo Rouanet, em sua tese de doutorado, convertida em um livro de dois volumes – *Os dez amigos de Freud* (2001) –, realiza um trabalho de “psicoficção” ao investigar “as motivações ideológicas e inconscientes” das obras desses escritores e “as pontes” entre as ideias deles e o pensamento freudiano. A seleção dos amigos fala a respeito do próprio Freud. O escritor Freud mostra-se com seus amigos-escritores, que podem ser percebidos como precursores ou parceiros da psicanálise, seja pela ênfase nas questões passionais, sexuais ou intuitivas da vida psíquica, seja por nos entregarem objetos passíveis de interpretação psicanalítica, pois os enredos e personagens mostram estruturas psíquicas universais (Mezan, 2003).

Narrar o mundo, a exemplo dos poetas, tem feito parte da nossa prática, como psicanalistas.

O neurótico oferece ao psicanalista a confissão das fantasias de sua vida psíquica cotidiana, o que permite o desenrolar do trabalho analítico. Do sonho, da brincadeira infantil, passando pelo devaneio e pelo fantasmático da vida psíquica corriqueira dos homens e mulheres, até a criação imaginativa do poeta, desenrola-se um amplo espectro de significações de tal atividade, o

fantasiar ou a produção das fantasias psíquicas, alvo permanente do interesse de Freud. (Pontalis & Mango, 2014, p. 17)

Utilizamos as palavras para expressar o que sentimos, devaneamos, fantasiamos, pensamos. O fingimento é uma ferramenta do artista para dar voz ao que escuta dentro e fora, ao mesmo tempo. Fingir: mentir, imaginar, inventar, representar. Falamos. Escrevemos. Somos afetados pelas palavras. Lemos o mundo e escrevemos sobre ele até para encontrar o sentido quando os eventos factuais traumáticos, muitas vezes totalmente incompreensíveis e insustentáveis pelas dores que nos causam, não fazem sentido algum. Segundo Calvino (2015), tal como os escritores, que passam a maior parte do tempo de vigília no mundo especial da escrita, procuramos transformar o mundo não escrito dos acontecimentos no mundo escrito. Para isto ocorrer aos escritores, é preciso um certo “ajustamento especial para se situar dentro dele”:

Quando me afasto do mundo escrito para reaver meu lugar no outro, naquele que costumamos chamar o mundo, feito de três dimensões, cinco sentidos, povoado por bilhões de semelhantes, isto para mim equivale a repetir todas vezes o trauma do nascimento, a dar forma de realidade de inteligível a um conjunto de sensações confusas, a escolher uma estratégia para enfrentar o inesperado sem ser destruído. (Calvino, 2015, p. 105)

Lidar com a vida dos acontecimentos do mundo é repetir o trauma do nascimento, como nos lembra o escritor, semelhante a um bebê que, de maneira particular e única, ao nascer passa a lidar com as sensações terríveis de desconforto da vida (fome, sede, calor, frio, dores e desamparo), havendo-se com todos os eventos da realidade externa que o atravessam e o traumatizam. Será pelo acesso à linguagem que as crianças se constituirão e aprenderão a reconhecer suas sensações, percepções, dores e desejos, passando a comunicá-las. Elas se surpreendem lendo as palavras escritas que se apresentam, principalmente naquele momento em que percebem que estão lendo-as mesmo sem o propósito consciente de lê-las. Com alegria, aprendem a ler frases escritas “em carreirinha”, como elas dizem, e não mais palavra por palavra. Algo que fazem “no automático”, “sem um querer” premeditado ou consciente, tal como nos contam, felizes, após a sensação de surpresa que tiveram diante dos letreiros nas ruas: “Olha! Ali está escrito que é uma loja de brinquedos. Eu nem estava tentando ler. Bati os olhos e li”.

Lemos, somos afetados e desejamos. E, assim, crescemos e seguimos nos interessando pelas palavras, lendo o mundo como ele se apresenta a nós, além

de conjecturar sobre ele e sobre as histórias contadas. As palavras, como “de carreirinha”, vão sendo escritas em nossa mente e passamos a descrevê-las para elaborar, fazer um contato com o que observamos e sentimos. Tal como ocorre na criação literária, surge um processo de elaboração psíquica que transforma “as imagens sensoriais, os sentimentos e afecções da alma humana em figuras de linguagem, um dizer poético que preserva em si mesmo o frescor das experiências primitivas e originárias” (Pontalis & Mango, 2014, p.18).

Maria Rita Kehl (in Debieux Rosa, 2016) nomeia de “escrita-intervenção” a reflexão clínica que se debruça sobre os objetos da *polis*, considerando que o inconsciente guarda os escritos não elaborados dos traumas históricos, cuja falta de elaboração produz “efeitos de dessubjetivação”. A intervenção por meio da escrita, substituindo o sintoma pela narrativa, visa impedir a continuidade do trauma. Segundo Kehl, Debieux Rosa segue de maneira rigorosa a abordagem freudiana ao enfatizar que o acontecimento violento não é necessariamente traumático, sendo “o trauma o trabalho do sujeito frente à cena” (p. 9).

O texto ensaístico, característico da escrita no Observatório, resiste a classificações. Localiza-se na fronteira de diferentes gêneros literários. Segundo a psicanalista Tania Rivera, o ensaio, enquanto escrita, recusa-se a apresentar fórmulas prontas e inquestionáveis sobre o mundo. Ao contrário, “ensaia-se”, “tateia-se um terreno” que não está disponível a ser compreendido de imediato; ao invés de aplicar teorias prontas, cabe ao ensaísta aproximar-se do objeto, indagando-o, “dando-lhe voz”, para que respostas possam surgir neste processo de pensamento. Ao mesmo tempo, o ensaísta coloca-se “à prova”, não temendo “experimentar (e movimentar um pouco) sua posição no mundo”. Neste sentido, a questão do ensaio consiste em “uma problemática internamente ligada à psicanálise, tanto histórica quanto teoricamente”, pois, “ao fazer de si o palco do pensamento como experiência”, o psicanalista Freud, e os demais psicanalistas em suas escritas, distanciam-se “da neutralidade requerida (e garantida) pelas teorias prontas, pelas visões de mundo dogmáticas” (Rivera, 2017, p. 13-14).

Essas considerações a respeito da importância do trabalho de elaboração secundária nos permitem afirmar a importância da escrita psicanalítica sobre os eventos contemporâneos presente nos ensaios publicados no Observatório Psicanalítico Febrapsi, localizado nas redes sociais (Facebook, Instagram), no site da Federação e também em um específico Grupo Google (GG) para os membros da Federação interessados no debate sobre a articulação da psicanálise com a política e a cultura.

O Observatório Psicanalítico da Febrapsi (OP)

A Febrapsi³ criou o Observatório Psicanalítico (OP) em abril de 2017, como uma estratégia de intervenção clínico-política para acolher o pensamento de seus membros sobre a época em que vivemos. A palavra Observatório advém da Astronomia, contexto no qual a sua finalidade é a de observar a posição e o movimento dos astros na abóbada celeste, delineando mapas e permitindo análises astronômicas. Ao possibilitar maior conhecimento sobre os astros, oferece também recursos de orientação para os navegadores. Analogamente, o Observatório Psicanalítico busca identificar os acontecimentos relevantes para o contexto sócio-histórico em que vivemos, propondo uma atenção psicanalítica para os fatos e fenômenos socioculturais e políticos do mundo. Ajuda-nos a ganhar consciência sobre onde estamos e como nos movimentamos no espaço sociopolítico. A essa abordagem, de dar significado às coisas como um ato político, Mori (2018) denomina *clínica das ideias*.

Sob o aspecto de um observatório, ela sinaliza e intervém por meio do olhar atento e da livre palavra iniciada pelo psicanalista sobre as formas de viver, bem como sobre os ataques sociopolíticos que produzem desconforto subjetivo – desigualdade sociopolítica, preconceito, discriminação de gênero, classe, raça, crença religiosa. Pela observação dos modos que produzem estancamento e paralisam sujeitos e coletivos, desvelam-se conflitos e abrem-se possibilidades de pensamento sobre os encontros humanos, reduzindo o sofrimento e o assujeitamento. (p. 102)

Desde o início, buscou-se engajar os psicanalistas na análise dos acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais da sociedade brasileira e, em termos mais amplos, do mundo, no vértice do pensamento psicanalítico extensivo inaugurado por Freud. Este vértice tem sido frequentemente abandonado por muitos psicanalistas, os quais direcionam a sua observação e escrita somente para o intrapsíquico individual que emerge no âmbito de seus consultórios.

Ao considerar a escrita psicanalítica como uma intervenção no mundo com objetivo de auxiliar no processo de elaboração coletiva sobre os acontecimentos

³ A Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi), fundada em 1967 como Associação Brasileira de Psicanálise (ABP), “preocupa-se com os rumos da prática da psicanálise, a qualidade da formação do psicanalista, e também com a interação com organizações científicas, acadêmicas e culturais” (<https://febrapsi.org/quem-somos/historico/>). Reúne 13 sociedades psicanalíticas brasileiras de membros filiados à *International Psychoanalytical Association (IPA)*, sediadas em estados do país e Distrito Federal.

que nos abalam, a Febrapsi retira a psicanálise de uma prática clínica estreita. Nosso mundo exige a extensão do método psicanalítico para a escuta desses acontecimentos. Para Herrmann (2003 in Barone, 2005):

Que história é essa de clínica extensa? Uma novidade? Veremos que não. É só a vasta medida em que o método ultrapassa a técnica. O método psicanalítico usado fora do consultório, por exemplo, onde a técnica padrão é inexequível. Ou, no consultório, sendo quase tudo o que se faz, mas raramente se conta. Nossa técnica – livre associação, atenção flutuante, interpretação transferencial, neutralidade etc. – é em geral uma boa coisa, dependendo de como cada qual a traduz em procedimento concreto; de modo aberto, como uma inspiração, ou de modo fechado, como um ritual. Seja como for, porém, a técnica não é um método. (p. 19)

Na perspectiva de Fábio Herrmann, o método psicanalítico criado por Freud é sempre clínico, permitindo uma libertação do *setting* clássico (a técnica da análise didática padrão) ao possibilitar a construção de *novos settings* para que a psicanálise possa acontecer da melhor maneira possível, segundo a necessidade dos envolvidos (da dupla – analista e analisando –, do casal, da família, do grupo ou da instituição). Neste sentido, o OP é uma técnica, uma ferramenta institucional para operar o método psicanalítico, na perspectiva da clínica extensa e no que diz respeito ao mundo. Mantém-se a psicanálise no diálogo interdisciplinar com outros campos de saber, como as artes (plásticas, literatura, música, teatro etc.) e as humanidades (ciência política, sociologia, antropologia etc.).

O OP define-se também como uma estratégia de um *dispositivo* mais amplo, que é a clínica extensa. Para Foucault (2000), o dispositivo é

Um conjunto decididamente heterogêneo que engloba discursos, instituições, organizações arquitetônicas, decisões regulamentares, leis, medidas administrativas, enunciados científicos, proposições filosóficas, morais, filantrópicas. Em suma, o *dito* e o *não-dito* são os elementos do dispositivo. O dispositivo é a *rede que se pode tecer entre esses elementos*. (p. 244, grifos nossos)

Ainda para Foucault, o dispositivo tem sempre uma função estratégica concreta, inscrevendo-se em uma relação de saber e de poder. Em resumo, consiste em uma série de práticas e mecanismos com objetivo de fazer frente a uma urgência e de obter um efeito.

Por sua vez, Agamben (2005), em *O que é um dispositivo*, expressa sua própria concepção do termo:

(...) chamarei literalmente de dispositivo qualquer coisa que tenha de algum modo a capacidade de capturar, orientar, determinar, interceptar, modelar, controlar e assegurar os gestos, as condutas, as opiniões e os discursos dos seres viventes. Não somente, portanto, as prisões, os manicômios, o panóptico, as escolas, as confissões, as fábricas, as disciplinas, as medidas jurídicas etc., cuja conexão com o poder e em um certo sentido evidente, mas também a caneta, a escritura, a literatura, a filosofia, a agricultura, o cigarro, a navegação, os computadores, os telefones celulares e – porque não – a linguagem mesma, que é talvez o mais antigo dos dispositivos, em que há milhares e milhares de anos um primata – provavelmente sem dar-se conta das consequências que se seguiriam – teve a inconsciência de se deixar capturar. (p. 13)

Dessa forma, entendemos que o Observatório Psicanalítico Febrapsi integra uma rede de estratégias para realizar a extensão do método psicanalítico para além do consultório, incluindo-se aí *settings* diferenciados, não tradicionais, que vão além das quatro paredes da sala de análise, externando a preocupação com o mundo do *lado de fora* dos sujeitos, com a produção de subjetividades implicadas com os acontecimentos que afetam os sujeitos, e assim rompendo com a ortodoxia da instituição psicanalítica.

Ao dar destaque à escrita de psicanalistas sobre os ditos e não-ditos dos acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais, identificados como *analisadores* de nosso modo de estar no mundo, o OP configura-se como uma estratégia de análise e de intervenção *clínico-política* que, quando acionado, é capaz de interferir no modo constitutivo da sociedade e no lugar que ocupamos como psicanalistas brasileiros.

O *analisador* é um *conceito-ferramenta* forjado por Félix Guattari, no livro *Psicanálise e transversalidade*:

É aquele ou aquilo que provoca análise, quebra, separação, explicitação dos elementos de dada realidade institucional. Esse conceito é inseparável do conceito de transversalidade, porque é numa situação de questionamento das hierarquias e especialismos que o analisador surge como uma ferramenta analítica que deslocaliza ou despessoaliza a intervenção. (Rossi & Passos, 2014, p. 174)

Ainda segundo esses autores, o analisador pode ser usado como instrumento de denúncia bem como ser portador de potência transformadora. Seu enfoque está na análise das instituições e não nos indivíduos, estabelecendo um descentramento do trabalho de análise: do analista para os analisadores.

Segundo Debieux Rosa (2016), a escolha de uma abordagem psicanalítica clínico-política

permite detectar, sinalizar e intervir nestas formas sutis de preconceitos – de classe, de raça ou de gênero – presentes nos mecanismos institucionais que se efetivam pelas práticas ditas científicas que fazem recair sobre indivíduos os acontecimentos, desvinculados de sua história pessoal, familiar, social e política. (p. 196)

A autora considera ainda que:

(...) articular estratégias clínicas e políticas é fundamental o enfrentamento da dimensão política do sofrimento produzido nas e pelas relações sociais; é também um modo de constatar e de denunciar mecanismos de controle e de construir práticas de resistência às manipulações que não excluam nem silenciem a dimensão subjetiva. (p. 196)

Trata-se de uma estratégia não apenas de reflexão e produção de conhecimento, mas de *intervenção na esfera pública* diante da dimensão sociopolítica do sofrimento. Neste sentido, o mundo em que vivemos pede olhar, escuta, ou seja, cuidado clínico. Os acontecimentos do mundo são eventos percebidos como *analisadores* de determinadas circunstâncias, de contextos públicos e coletivos, que produzem mal-estar.

Entendemos que o OP procura responder à crítica de Herrmann (2003, in Barone, 2005) sobre o encolhimento da psicanálise na técnica padrão, “repetida abusivamente”, e sua adaptação à prática terapêutica, “reduzindo-se à psicologia individual e ... fragmentando-se em sistemas doutrinários escolásticos” (p. 20). O OP, como estratégia, assume princípios claros de autonomia e protagonismo dos sujeitos-psicanalistas nele envolvidos, propondo-se como uma obra aberta e não dogmática. Além de ampliar a possibilidade do olhar psicanalítico para outros objetos (assuntos da *polis* e da cultura que deixaram de ser interpretados por psicanalistas, ao contrário do que Freud fazia), o Observatório acolhe a palavra dos diferentes membros da Instituição Febrapsi (e das Sociedades Psicanalíticas que a compõem, sejam analistas em formação filiados aos Institutos, sejam os

membros associados, efetivos e didatas), implicados no processo de fazer falar a psicanálise sobre o mundo. O OP caminha no sentido de realizar a circulação da palavra e da escrita entre todos e, com isso, busca interferir no modo encastelado e instituído da própria instituição, situação na qual o saber e o poder concentram-se nos membros mais graduados, como ocorre nas instituições em geral.

Outro aspecto a ressaltar é o favorecimento da grupalidade dos membros. O OP vem possibilitando que os membros de todas as sociedades, distantes geograficamente, passem a se conhecer no espaço virtual criado, o GG, um grupo de compartilhamento de mensagens por e-mails, à semelhança das cartas trocadas entre os psicanalistas dos primórdios da psicanálise, tais como as cartas entre Freud e Fliess. Desta forma, o OP inclui o coletivo de psicanalistas da Instituição na condição de um movimento social organizado tanto como experiência afetiva subjetiva quanto como trabalho de grupo, fomentando redes. “Estar com amigos aquece o coração. É disso que necessitam os homens quando lhes pesa a circunstância” (Hermann, 2003, citado por Barone, 2005, p. 17).

Boa parte dos ensaios do OP está comprometida com uma vertente da psicanálise brasileira engajada e situada no caminho de uma “descolonização do pensamento”, alicerçada na ideia do Manifesto Antropofágico de Oswald de Andrade, de 1928, no intuito de repensar o lugar da dependência cultural brasileira, propondo uma nova estética. Daí a necessidade de “devorar os grandes mestres” e, ao mesmo tempo “expelir um tanto deles”, para seguirmos em nosso “processo singular de deglutição”, incluindo e valorizando a originalidade de nossa “fala periférica” e, a partir deste movimento de elaboração autonômica, “vomitar o mosaico” que nos constitui (Rivera, 2020, p. 7-8).

A escrita psicanalítica tem seu lugar central nesse processo de dar espaço para que uma psicanálise descolonizada, brasileira, possa se expressar. É neste palco que o Observatório Psicanalítico encena a sua linha editorial.

Tempos de elaboração no Observatório Psicanalítico Febrapsi

No processo de elaboração secundária proporcionado pelo OP, podemos discernir cinco tempos, nomeados como:

- a) Tempo Zero – o tempo atual dos acontecimentos sociopolíticos, culturais e institucionais que nos afetam;
- b) Tempo Um – elaboração dos psicanalistas por meio da escrita-intervenção de seus ensaios;
- c) Tempo Dois – elaboração coletiva no chamado GG (Grupo Google

- de e-mails), por meio de comentários dialógicos que produzem novos sentidos, a partir das elaborações realizadas no Tempo Um;
- d) Tempo Três – elaboração coletiva da equipe de curadores, por meio de editoriais, a partir dos acontecimentos (Tempo Zero) e das escritas elaborativas ocorridas nos Tempos Um e Dois;
- e) Tempo Quatro – reação do leitor-seguirador da página da Febrapsi, no Facebook e do Instagram, às elaborações ocorridas nos tempos Um e Três.

Tempo Zero – Acontecimentos

Consideramos como tempo inicial aquele dos acontecimentos que nos impactam, situações públicas protagonizadas tanto por sujeitos quanto por instituições. O filósofo e psicanalista Slavoj Žižek (2017), no livro *Acontecimentos*, explora o significado deste conceito ao se questionar se somos agentes de nossos próprios destinos e o que precisamos fazer para ter a percepção de que algo realmente existe em um mundo em constante mudança. O autor entende o acontecimento como “algo chocante, fora do normal, que parece acontecer subitamente e que interrompe o fluxo natural das coisas; algo que surge aparentemente a partir do nada, sem causas discerníveis, uma manifestação destituída de algo sólido como alicerces” (p. 8).

No Brasil e no mundo, a pandemia é o acontecimento que pede análise e intervenção. Um evento que nos retirou de onde estávamos: no momento em que escrevemos, 262 milhões de pessoas no mundo já foram afetadas pelo Coronavírus e, entre estas, mais de 5 milhões morreram. Milhões de famílias e comunidades afetadas de forma direta por estas mortes vivenciam o luto. Todos seguimos traumáticamente afetados, desamparados e carentes de processos de reparação. A complexidade da situação coloca o Brasil como um dos países mais vulneráveis, pois, à situação pandêmica, somam-se questões relacionadas à gestão federal, aos conflitos políticos, à pobreza, à fome, ao conservadorismo, ao racismo, ao desmatamento, à desapropriação das terras indígenas e quilombolas pelos interesses econômicos, dentre outros. Diante da precariedade de um Estado cuidador, o agravamento das dificuldades coloca-nos em uma condição extrema de desamparo. Cada um de nós segue por conta própria, individualmente decidindo o próprio destino. Este é o contexto dos acontecimentos que nos atravessam e que pedem a elaboração da escrita psicanalítica, desafio assumido pelo OP.

A amplitude dos acontecimentos abordados pelo Observatório tem abrangido a pandemia e suas intercorrências, obituários (personalidades nacionais dos diversos campos da cultura, inclusive psicanalistas), o racismo estrutural e suas

manifestações contemporâneas, as vicissitudes da política brasileira, a diversidade de gênero, a violência contra crianças e mulheres, a análise de filmes, de obras de arte e de literatura, além de temas ligados à ecologia e ao clima. Ganham especial destaque as ações reparadoras promovidas por algumas instituições psicanalíticas para o acesso de pessoas pobres, pretas, imigrantes e indígenas na formação de psicanalistas, tal como proposto recentemente pela Febrapsi com a criação da Comissão de Estudos sobre Racismo e Práticas Anti-racistas.

Assim, o conceito de acontecimento foi estendido no OP para os eventos que pedem o olhar psicanalítico. Os psicanalistas escritores se vêm convocados, portanto, não apenas a tratar de assuntos com potencial traumático e que produzem mal-estar, mas também daqueles que promovem a pulsão erótica civilizatória expressa nas artes, nas ações solidárias, no avanço do conhecimento científico, nas políticas sociais, os quais conduzem ao bem-estar subjetivo e coletivo. Em resumo, o OP volta-se tanto para os acontecimentos com potencial destrutivo do laço social (impulsionados pela pulsão de morte) quanto para o trabalho criativo realizado por Eros (gerados pela pulsão de vida), sendo que ambos trazem benefícios à cultura e à civilização.

Concluindo, o Tempo Zero assume dois níveis de convocação: análise e intervenção.

Tempo Um – Os psicanalistas falam no OP

Psicanalistas da Febrapsi, a convite da equipe de curadoria do OP ou de forma espontânea, realizam suas escritas sobre acontecimentos contemporâneos que demandam elaboração.

Quais as características dessa escrita? É possível distinguir uma *escrita psicanalítica* da *escrita do psicanalista*? Entendemos que o escritor, qualquer que seja ele, psicanalista ou não, escreve a partir *de si*, mas não apenas *sobre si*. Sua subjetividade é o filtro pelo qual os acontecimentos o atingem. O escritor reage a esses acontecimentos, dando-lhes contornos e significados permitidos pelo seu estofo subjetivo, elaborando-os. O psicanalista-escritor, ao pretender escrever psicanaliticamente, informa-se com o conhecimento, com a práxis, com o ideário e, poderíamos dizer, com um certo estilo que remete à tradição inaugurada pelo próprio criador da Psicanálise. Neste sentido, o escritor exerce a *escrita psicanalítica*. Contudo, quem escreve é um ser histórico, datado e situado em determinado contexto sociocultural, pelo qual sua subjetividade é atravessada. Sua escrita será, inevitavelmente, a *escrita de um psicanalista*, um ser encarnado em um corpo sócio-histórico.

Assim, compreendemos que as escritas dos psicanalistas no Observatório são suportadas por sua formação, estilo e práxis psicanalítica, o que lhes confere o status de uma escrita psicanalítica. Contudo, é necessário reconhecer, e é um propósito explícito do OP, que a escrita do psicanalista encarnado seja livre, autoral, implicada, opinativa mesmo, nutrida por seus pensamentos e emoções, e de certa natureza contratransferencial em relação aos acontecimentos. A escolha do ensaio como forma de expressão parece ser o estilo que melhor se adequa a essa pretensão. Para concluir, podemos lembrar o que nos diz Giovannetti (2012): “Ninguém, em tempo ou lugar algum, terá a última palavra sobre a Psicanálise” (p. 248). De fato, tanto a nossa disciplina quanto a nossa subjetividade encontram-se imbricadas na dinâmica de um contexto sócio-histórico em permanente transformação.

Exemplificamos com o primeiro ensaio sobre a pandemia publicado em 15 de março de 2020, de autoria de José Martins Canelas Neto (SBPSP), *Pandemia do Coronavírus, epidemia de pânico e a evolução da humanidade*. Para o psicanalista, “a questão decisiva para a espécie humana é de saber se, e em que medida, a sua evolução cultural poderá controlar as perturbações trazidas à vida em comum pelas pulsões humanas de agressão e autodestruição”, referindo-se a Freud (1930/2010). Para Canelas Neto, o pânico diante da pandemia e as reações são diversas: negação, rebeldia, violência, segregação de pessoas que têm maior probabilidade de serem infectadas. “Políticas e ideologias discriminatórias estão em ascensão; o conhecimento e a ciência são atacados, mesmo após as importantes lições que outras epidemias, o holocausto e outros genocídios nos deram” (Canelas Neto, 2020, OP 150).

Outro exemplo, em ensaio mais recente que recebeu o título de *Imagine a dor; imagine a cor*, da série Vidas Negras Importam XIV, publicado no dia 29 de outubro de 2021, Maria José Tavares (SBPSP), utilizando dados de pesquisas, denuncia como a cor da pele representa o maior risco para contrair o Coronavírus na cidade de São Paulo.

Mesmo após séculos de abolição, o racismo continua destruindo oportunidades, aniquilando corpos negros, indígenas e tirando vidas. O racismo é um sistema de reprodução de condições de desigualdade e sofrimento, por isso afeta fundamentalmente uma crise sanitária como esta que estamos vivendo, pois na hora de decidir quem vive ou quem morre são as populações mais excluídas que sofrem as piores consequências. Essas populações não têm status de humanidade. (Tavares, 2021, OP 275)

Tempo Dois – os psicanalistas conversam entre si

Os psicanalistas da Febrapsi que solicitam à equipe de Curadoria para fazer parte do grupo de e-mails GG (hoje somam mais de 450 pessoas) tecem comentários a respeito das elaborações ocorridas no Tempo Um. O GG integra a estratégia do OP como um celeiro de ideias, uma aposta da Febrapsi na grupalidade, por meio da construção de vínculos afetivos. Em roda de conversa, os participantes do grupo comentam como percebem e sentem tanto o acontecimento analisado quanto os comentários realizados. Em um processo de elaboração coletiva, a escrita segue sendo tecida pelos fios, traços, deixados pelos colegas que se sucedem.

Susana Muszkat (SBPSP), em mensagem ao GG de 16 de março de 2020, comenta sobre o processo de elaboração constituído nesse grupo aberto e coletivo: “Quando lemos os escritos dos colegas ou escrevemos algo, vamos elaborando dentro de nós toda essa situação de confusão e encontrando novos recursos de pensamento para continuarmos a vida e nosso trabalho, que conta com nossas mentes”.

No processo de escrita coletiva, uma nova elaboração pode ocorrer, resultando até em novo ensaio, como foi o caso do texto *Brasil vive regressão civilizatória*, escrito por Helena Pontual (SPBSB e SBPSP), em 21 de maio de 2021, a partir de comentários-analíticos realizados por psicanalistas integrantes do GG (Tempo Dois) sobre a política brasileira:

Como psicanalistas, devemos participar de espaços democráticos, defender a ciência, denunciar a iniquidade e a necropolítica, debater ideias e propostas, contribuindo, assim, para análises políticas e antropológicas dos fatos. Essas análises, constatações e propostas foram feitas por psicanalistas filiados à Federação Brasileira de Psicanálise (Febrapsi) em debate promovido pelo Observatório Psicanalítico (OP) no mês de março de 2021. Esse texto trata dos principais trechos desse debate. (Pontual, 2021, OP 245)

Tempo Três – falam as curadoras do Observatório

O objetivo do editorial do OP, lançado em maio de 2020, encontra-se explicitado na escrita do seu primeiro número:

Inauguramos hoje uma nova seção no Observatório Psicanalítico (OP): um texto assinado pela equipe de curadoria e denominado *Editorial OP*. Nosso objetivo é estimular a (re)visitação do que foi publicado no último mês, como forma de amplificar e aprofundar as questões levantadas sobre os fenômenos e eventos sociopolíticos e culturais analisados neste espaço. A percepção

sobre a passagem do tempo nesta pandemia vem sendo problematizada em diversos espaços e imaginamos que possa ser útil organizar, a partir de nossa conversa neste OP, uma mini-retrospectiva, que funcione como marco temporal do último mês. É uma forma também de releitura sobre o debate ocorrido, que pode ajudar na proposição de novas questões. (Mori, Boianovsky, Frateschi & Bilenky, 2020, Editorial OP-01)

Recentemente, a Curadoria do OP nomeou o Editorial com o neologismo *Sódepois*, expressão brasileira para dar sentido ao termo alemão *Nachträglich* utilizado por Freud (1896), para se referir ao “processo de reorganização ou reinscrição pelo qual os acontecimentos traumáticos adquirem significação para o sujeito apenas num *a posteriori*, isto é, num contexto histórico e subjetivo posterior, que lhes confere uma nova significação” (Roudinesco & Plon, 1998, p. 32).

Como psicanalistas brasileiras, acompanhamos o pensamento de Tania Rivera em *Psicanálise antropofágica: identidade gênero e arte* (2017) e, implicadas com nossa política e cultura, decidimos por buscar uma identidade própria, uma escrita que degluta nosso passado psicanalítico misturado com o cotidiano brasileiro contemporâneo que juntos compartilhamos. Num processo de elaboração secundária “antropofágica”, eliminando o que não nos serve, deixamos evidenciar aquilo que nos é próprio. Daí o neologismo *Sódepois*, tudo junto, sem espaço. (Mori, Boianovsky, Frateschi & Degani, 2021, Editorial OP-18)

O *Sódepois* revela a necessidade das curadoras de realizarem suas elaborações sobre o mal-estar atual no qual também estão inseridas, considerando os acontecimentos que as atravessam e as elaborações dos colegas em seus ensaios. O espaço do editorial consiste em um canal próprio de escrita da curadoria.

A equipe de Curadoria, por analogia ao seu homólogo em arte, assume o papel de preservar e cuidar dos textos escritos. Identifica e agrupa os conceitos e temas relacionados ao tempo dos acontecimentos, propondo um recorte para que as *obras* possam se revelar, sugere aspectos estéticos de apresentação da escrita e define o momento de publicação, a fim de que o texto chegue ao leitor com a oportunidade e beleza que o ensaio comporta. Tal como em uma exposição, a curadoria agrupa e articula semelhanças, criando séries. A primeira, *Vidas Negras Importam*, é composta, até o presente momento, por 18 ensaios escritos a partir dos protestos mundiais pelo assassinato do afro-americano Jorge Floyd, em 25 de maio de 2020, pelo policial branco Derek Chauvin. Da mesma forma, os ensaios

sobre a pandemia (mais de 40) compõem a série *Tempo Pandêmico*. Os números são indicativos da importância atribuída pelos psicanalistas aos temas.

Tempo Quatro – falam os leitores-seguidores do Observatório no Facebook

Uma estratégia clínico-política, tal como é o OP, tem como um de seus objetivos ampliar o acesso da população à palavra dos psicanalistas. Escutar, observar, dar suporte, prestar cuidados e acolher as angústias das pessoas que procuram a psicanálise faz parte do nosso ofício. Faz parte também do nosso trabalho, a exemplo dos poetas e escritores, comunicar-se com quem busca a escrita psicanalítica.

O leitor do Observatório certamente é alguém predisposto à leitura. Ao acessar os ensaios, expõe-se a visões diferentes das suas e aprende a considerar outras ideias. Não necessariamente muda as próprias concepções, mas pode desenvolver uma maior flexibilidade mental. A capacidade de ouvir opiniões divergentes exercita a tolerância e favorece a convivência com os outros. Não é de menor importância o fenômeno da identificação ou da contra-identificação do leitor com as ideias do ensaísta.

Espera-se que os ensaios estimulem a acuidade do leitor em relação aos acontecimentos, possibilitando certa internalização da capacidade analítica. Ao mesmo tempo, estimula-se a capacidade empática ao expor temas que extrapolam a esfera estritamente pessoal do leitor, remetendo-o aos laços sociais.

Do mesmo modo que os psicanalistas-ensaístas são afetados pelos acontecimentos e estimulados à elaboração secundária, espera-se que o leitor também o seja. Afinal, tudo que nos chega pelo ato de ler tem um potencial valor elaborativo. A possibilidade de interação com os autores, via comentários, igualmente representa um convite ao leitor para que se transforme em autor, integrando a rede de elaboração do Observatório. Nem todos os leitores fazem isso, restringindo-se a expressões de aprovação ou reprovação das ideias expostas nos ensaios. Ainda assim, a característica de espaço público democrático do Observatório presta o seu serviço.

Ao longo das publicações, podemos observar a diversidade de reações aos ensaios do OP, desde simples *curtidas* e *descurtidas*, típicas manifestações no âmbito das mídias sociais, até compartilhamentos e comentários, nos quais o leitor discorre mais longamente sobre as ideias expressas. Em qualquer um desses níveis de comunicação, comprova-se o gesto comunicativo, um esboço mais ou menos elaborado de um desejo autoral.

Considerações finais

Chegamos ao fim de outubro de 2021 ainda com a pandemia nos assustando. A todo momento temos notícias sobre países, em estágio avançado de vacinação, que precisam retroagir ao isolamento social devido ao recrudescimento dos casos de contaminação.

Neste um ano e oito meses de pandemia no Brasil, os profissionais de saúde permanecem na linha de frente do combate ao inimigo, nos hospitais, no tratamento da população contaminada e gravemente adoecida pela Covid-19, e no atendimento ambulatorial de todas as especialidades, inclusive a saúde mental. Neste grupo, incluímos os psicanalistas que seguem trabalhando nas próprias clínicas, com seus pacientes que já eram atendidos de forma presencial. Com a pandemia, pacientes e psicanalistas passaram a se encontrar virtualmente, enquanto novos pacientes chegaram. Uma nova situação – o *setting* psicanalítico virtual – se impôs para a maioria de nós que até então não trabalhava com tal modalidade de atendimento. Muda-se a técnica, mas preserva-se o método, tal como preconiza Herrmann (2003 in Barone, 2005).

Em tempo de restrições de convivência, reorganizamos nossa vida profissional. Auxiliamos os pacientes na elaboração de suas angústias, amedrontados de serem atingidos mortalmente pelo Coronavírus. O excesso do real invade o consultório, também pelo medo do analista de ser afetado ou infectado e, quem sabe, com a incerteza de que a dupla estará presente na sessão seguinte. Ainda hoje, os inícios das sessões começam com o “como você está?”, “tudo bem com você?”, “e sua família, também?”, mas dessa vez com um sentido adicional, não o de outrora, quando tais perguntas denotavam um gesto inicial de cortesia. Agora, sabemos que as perguntas referem-se ao vírus e se estamos nos protegendo.

No âmbito do Observatório Psicanalítico, cresceu o número de publicações. Até março de 2020, três anos de existência do OP, foram publicados 150 ensaios, uma média de quatro ensaios por mês. De março de 2020 até o presente momento, foram publicados 130 ensaios e 19 editoriais, totalizando 149 publicações, uma média de oito por mês. A duplicação desses números nos indica que o recurso da escrita ensaística sobre os acontecimentos do mundo em que vivemos tem se intensificado como forma de expressão e elaboração dos psicanalistas sobre o mal-estar atual.

A escrita de ensaios produzidos por psicanalistas mostra-se um recurso valioso para ultrapassar o estrito âmbito do consultório clínico, revelando a face do psicanalista cidadão que, informado pela psicanálise, faz sua leitura singular da realidade, auxiliando a elaboração psíquica dos acontecimentos. Ao abrir espaço

para que esses acontecimentos sejam elaborados, a Febrapsi tem a possibilidade de *fazer falar* também as instituições psicanalíticas, por meio de manifestos, cartas abertas à população brasileira, sobre os traumas sociopolíticos e pandêmicos que atingem o país.

Para concluir, recorremos ao ensaio *Tempo morto: cinema e pandemia*, da psicanalista Silvana Rea (SBPSP), publicado em 15 de julho de 2020, que nos traz a imagem de um *tempo morto* associado ao tempo da pandemia e do isolamento. Segundo a autora, o recurso cinematográfico utilizado pelo diretor de cinema Michelangelo Antonioni refere-se a:

uma narrativa que se constrói de maneira mais lenta que a estória que se quer contar, criando um período de tempo que se mantém depois que a cena termina. Assim, estabelece um ‘depois’ da ação consumada, um espaço onde o tempo é suspenso. (...) Em isolamento, somos um arquipélago. Confinados em ilhas, sem poder contar com a noção de cidadania – um pensamento coletivo que nos uniria em um espaço comum. (Rea, 2020, OP 180)

Em tempos de morte, a escrita psicanalítica busca lidar com as lacunas do traumático vivido nesse momento de sofrimento coletivo. A pandemia e todas as mazelas que continuam ocorrendo no Brasil, caso não sejam pensadas, deixarão marcas de sofrimento coletivo que repercutirão em nossa história futura.

O Observatório Psicanalítico Febrapsi oferece uma oportunidade de exercício de clínica extensa, para quem escreve e para quem lê (Herrmann, 2019, OP 104). Em seu vértice de intervenção, vislumbra a possibilidade de produzir efeitos nos diferentes sujeitos alcançados por suas elaborações. □

Abstract

Psychoanalytic writing in the Coronavirus pandemic: times of elaboration at the Febrapsi Psychoanalytic Observatory

The intervention proposed by the Febrapsi Psychoanalytic Observatory (PO), a clinical-political writing device of psychoanalysts, is analyzed for the secondary elaboration of the events that produce the current malaise during the Coronavirus pandemic. The texts are written in the format of essays, authorial, reflective, and expressing the author's personal experience with the event. In the process, five times are identified: Time Zero, that of sociopolitical, cultural and institutional events

that affect us; Time One follows, constituted by the elaboration of psychoanalysts, through essays, advancing then to the collective dialogic elaboration between peers, Time Two; then, there is the elaboration of the team of curators in the writing of editorials, Time Three; Time Four is characterized by the reader's access to these elaborations, through the social media used by the Observatory. It is concluded that the PO is an institutional way of extensive clinical practice. In the intervention vertex, the possibility of producing effects on the different subjects reached by the device.

Keywords: Trauma; Elaboration; Psychoanalytic writing; Psychoanalytic observatory; Extensive clinic

Resumen

Escritura psicoanalítica en la pandemia del Coronavirus: tiempos de elaboración en el Observatorio Psicoanalítico Febrapsi

Se analiza la intervención propuesta por el Observatorio Psicoanalítico Febrapsi (OP), estrategia clínico-política de escritura de psicoanalistas, para la elaboración secundaria de los eventos que producen el malestar actual durante la pandemia del Coronavirus. Los textos están escritos en formato de ensayo, autoral, reflexivo y expresando la experiencia personal del autor con el evento. En el proceso se identifican cinco tiempos: el Tiempo Cero, el de los hechos sociopolíticos, culturales e institucionales que nos afectan; sigue el Tiempo Uno, constituido por la elaboración de psicoanalistas, a través de ensayos, avanzando, entonces, a la elaboración dialógica colectiva entre pares, el Tiempo Dos; luego, está la elaboración del equipo de curadores en la redacción de editoriales, Tempo Três; Tempo Quatro se caracteriza por el acceso del lector a estas elaboraciones, a través de las redes sociales que utiliza el Observatorio. Se concluye que la OP es una forma institucional de ejercer una práctica clínica extensa. En el vértice de la intervención se vislumbra la posibilidad de producir efectos sobre los diferentes sujetos alcanzados por esta estrategia.

Palabras clave: Trauma; Elaboración; Escritura psicoanalítica; Observatorio psicoanalítico; Clínica extensa.

Referências

- Agamben, G. (2005). A exceção e o excesso, Agamben & Bataille. *Outra Travessia. Revista do Curso de Pós-Graduação em Literatura*, nº. 5, pp. 9-16. Universidade Federal de Santa Catarina, Ilha de Santa Catarina, segundo semestre de 2005.
- Calvino, I. (2015). *Mundo escrito e mundo não escrito. Artigos, conferências e entrevistas*. São Paulo: Companhia das Letras. (Original publicado em 2002)
- Canelas Neto, J.M. (2020). Pandemia do coronavírus, epidemia de pânico e a evolução da humanidade. In *Observatório Psicanalítico Febrapsi* (OP-150 de 16 de março de 2020). Recuperado de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1502020/>
- Debieux Rosa, M. (2016). *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/FAPESP.
- Foucault, M. (2000). Sobre a História da Sexualidade. In M. Foucault, *Microfísica do poder*, (pp. 243-27). Rio de Janeiro: Grall.
- Freud, S. (2010). O mal-estar na civilização. In *Sigmund Freud. Obras completas*, (Vol. 18, pp. 13-122). Trad. de Paulo César de Souza. São Paulo: Editora Companhia das Letras. (Original publicado em 1930)
- Giovannetti, M. F. (2012). Considerações sobre a escrita psicanalítica. *Ide (SBPSP)*, 34(53), 243-248. Recuperado de http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0101-31062011000200021
- Herrmann, F. (2003). Clínica extensa. In L.M.C. Barone (Coord.), (2005). *A psicanálise e a clínica extensa*. São Paulo: Casa do Psicólogo, 2005.
- Herrmann, L. (2019). Psicanálise e cultura: clínica do mundo. In *Observatório Psicanalítico Febrapsi*, (OP-104, de 1 de maio de 2019). Recuperado de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/psicanalise-e-cultura-clinica-do-mundo/>
- Kehl, M.R. (2016). Prefácio. In M. Debieux Rosa, *A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento*. São Paulo: Escuta/FAPESP.
- Krebs, V.J., & Jochamowitz, E. (2013). Catástrofe e despertar. O tempo em Walter Benjamin. *Calibán. Revista Latino-americana de Psicanálise (FEPAL)*, 11(1), 175-181. Recuperado de <https://calibanrlp.com/wp-content/uploads/2021/05/2-Caliban-11-1-CAST-para-WEB.pdf>
- Laplanche, J., & Pontalis, J.-B. (1970). *Vocabulário de psicanálise*. São Paulo: Martins Fontes.
- Mezan, R. (2003). Seleção de percursos. *Caderno Mais – Folha de São Paulo*. <https://www1.folha.uol.com.br/fsp/mais/fs2906200317.htm>
- Mori, M. E.; Boianovsky, D.; Frateschi, L.; Bilenky, M. (2020). Editorial Mês de Maio. In *Observatório Psicanalítico Febrapsi* (02 de junho de 2020). Recuperado de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/editorial-op-maio2020/>
- Mori, M. E (2020). Observatório psicanalítico da Febrapsi: Atravessando fronteiras. *Revista Calibán. Revista Latino-americana de Psicanálise (FEPAL)*, 18(1), 242-253.

Recuperado de https://calibanrlp.com/wp-content/uploads/2020/10/caliban-18-Fronteras-es_compressed.pdf

- Mori, M. E, Boianovsky, D, Fratesch, L, & Degani, R. (2021). Só depois, 18. Editorial do mês de outubro. In *Observatório Psicanalítico Febrapsi* (04 de novembro de 2021). Recuperado de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/editorial-observatorio-psicanalitico-outubro-2021/>
- Mori, M.E. (2018). A clínica psicanalítica: uma prática política. *Revista Brasileira de Psicanálise*, 52(3), 91-105.
- Pontalis, J. B. & Mango, E. G. (2014). *Freud com os escritores*. São Paulo: Estrelas.
- Pontual, H. D. (2021). Brasil vive regressão civilizatória. In *Observatório Psicanalítico Febrapsi* (OP-245 de 21 de maio de 2021). Recuperado de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-op-245-2021/>
- Rea, S. (2020). Tempo morto: cinema e pandemia. In *Observatório Psicanalítico Febrapsi* (OP-180 de 15 de julho). Recuperado de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-1802020/>
- Rivera, T. (2017). Desejo de ensaio. In T. Rivera, L.A.M. Celes, E.L.A. Sousa, (Orgs). *Psicanálise*, (pp.11-23). Rio de Janeiro: FUNARTE.
- Rivera, T. (2020). *Psicanálise antropofágica (identidade, gênero, arte)*. Porto Alegre: Artes & Ecos.
- Rossi, A. & Passos, E. (2014). Análise institucional: revisão conceitual e nuances da pesquisa-intervenção no Brasil. (pp. 156-181). Vol. 5, n.1, jan-jun. *Revista EPOS*. Rio de Janeiro: Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Instituto de Medicina Social. Recuperado de <http://pepsic.bvsalud.org/pdf/epos/v5n1/09.pdf>
- Rouanet, P. S. (2001). *Os dez amigos de Freud*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Roudinesco, E. & Plon, M (1998). *Dicionário de psicanálise*. São Paulo: Zahar editora.
- Seligmann-Silva, M. (2018). *O local da diferença. Ensaio sobre memória, arte, literatura e tradução*. São Paulo: Editora 34.
- Tavares, M. J. (2021). Imagine a dor, imagine a cor. Vidas negras importam XIV. In *Observatório Psicanalítico Febrapsi*. (OP-275, de 29 de outubro de 2021). Recuperado de <https://febrapsi.org/publicacoes/observatorio/observatorio-psicanalitico-op-275-2021/>
- Žižek, S. (2017). *Acontecimentos: uma viagem filosófica através de um conceito*. Trad. Carlos Alberto Medeiros. 1ª ed. Rio de Janeiro: Zahar.

Recebido 01/11/2021

Aceito em 06/12/2021

Revisão gramatical de **Gustavo Czekster**

Revisão técnica de **Renato Moraes Lucas**

Maria Elizabeth Mori

SHIN QL 1 cj. 2 casa 15
71505-025 – Brasília, DF – Brasil
beth.mori@gmail.com

Roque Tadeu Gui

SHIN QL 1 cj. 2 casa 15
71505-025 – Brasília, DF – Brasil
roque.tadeu@gmail.com

© Revista de Psicanálise da SPPA